

## O CATÁLOGO E A CHAVE : SUJEITO DA CIÊNCIA E SUJEITO DO INCONSCIENTE



Referência:

VIEIRA, M. A. . O catálogo e a chave: sujeito da ciência e sujeito do inconsciente,. *Opção Lacaniana*, São Paulo, v. 21, p. 84-87, 1997.

### Introdução

Gostaria de abordar a relação entre psicanálise e ciência sob um aspecto particular, evitando a complexidade paralisante desta questão com o uso de um exemplo preciso. Colocarei assim em discussão a fundamentação das classificações psiquiátricas atuais, cotejando-as com o modo psicanalítico de categorização. Vou me apoiar em uma passagem do seminário sobre a angústia que parece-me bastante esclarecedora<sup>1</sup>. Trata-se, a esta altura do seminário, de circunscrever determinados modos de apreensão de uma experiência dada. Lacan refere-se neste momento ao afeto de angústia em particular e ao afeto em geral, mas suas considerações são por ele mesmo generalizadas, inscrevendo-se num âmbito consideravelmente maior. Segundo Lacan existem duas maneiras fundamentais de se dar conta de uma experiência, a via do catálogo e a via do análogo. A estes dois métodos, Lacan acrescenta um terceiro, que seria próprio da psicanálise, a via da chave. Examinemos estes métodos separadamente apesar deles estarem quase sempre misturados constituindo concepções mistas.

### O catálogo

Este método consiste em “esgotar não somente o que isso [çano original - referindo-se a uma experiência] quer dizer, como também tudo o que disseram sobre ele, constituindo assim uma categoria”. Trata-se de esgotar a significação de um termo/experiência, fazendo um inventário que desenhe os contornos e limites de uma classe. O problema é que este método nos conduz demais na direção do sentido pois somos levados a entificar a classe por ele constituída como se ela correspondesse a um ser que preexistisse à classificação. Lacan lembra-nos então que, apesar deste método adequar-se perfeitamente à universidade e ao ensino (pois ele permite que proponha-se então a transmissão sem resto deste bloco de significação rígida), ele nos conduz a impasses manifestos em psicanálise pois esta funda-se sobre a evidência do deslizamento do significado sob o significante. Outro problema desta abordagem: devido à ausência de um ponto de referência externo à categoria, somos obrigados a levar em conta tudo o que nos cai nas mãos sem critérios, o que leva a um ecletismo confuso e contraditório. Lacan dá o exemplo de Rapaport e de sua teoria do afeto para demonstrar os impasses da via do catálogo, pois esta constitui-se em uma colagem de tudo que se havia dito sobre o tema na literatura psicanalítica até então.

### O Análogo

Este método corresponde a estabelecer pseudo-níveis em uma totalidade, delineando hierarquias e sub-campos em um universo dado. A angústia, por exemplo, seria considerada como uma mesma entidade, manifestando-se diferentemente conforme ela é situada num plano psicológico, social, orgânico, etc. Lacan indica então que esta entidade não é deduzida destes campos mas sim suposta *a priori* e que é esta suposição que serve de denominador comum permitindo reunir numa só gaveta fenômenos e modos de apreensão tão diversos. Este método apóia-se assim em uma

petição de princípio. O conjunto das versões de uma determinada experiência servirá para situar a concepção inicial deste tema que havia ficado implícita. O exemplo dado por Lacan deste tipo de procedimento é a teoria junguiana onde os arquétipos descrevem tão somente os preconceitos e definições ocultos na base da concepção de homem que constitui seu ponto de partida.

### Do significante

Podemos aproximar cada um destes métodos a uma das figuras fundamentais da ordem simbólica. O catálogo pode ser associado à metáfora pois ele é um inventário finito dos efeitos de sentido de um significante imaginariamente fixado à uma significação primordial se deslocando no eixo paradigmático. O análogo por sua vez seria constituído a partir do deslocamento metonímico de um significante no eixo sintagmático e que teria supostamente também um sentido próprio e único. Os dois casos baseiam-se na ignorância da lei primeira do significante segundo a qual um significante não tem um valor em si, pois seu valor instaura-se apenas em relação a um segundo significante. Esta correlação entre os dois métodos assinalados por Lacan e a similaridade/contiguidade, fundamentos da fala, explicaria então porque é impossível prescindir completamente destes métodos para dizer-se algo sobre um fenômeno determinado. Por esta razão, Lacan não recusará estas vias de tratamento discursivo da experiência. Ele indicará, entretanto, que a psicanálise nos conduz ao que ele chama de método da chave.

Antes de nos aventurarmos a examinar este método, façamos algumas observações e generalizações a partir do que foi visto. Com efeito, gostaria de utilizar estas indicações de Lacan para examinar a classificação psiquiátrica mais em voga nos dias de hoje, a DSM-IV. Isto servirá não somente para que entendamos melhor as considerações lacanianas sobre o catálogo, o análogo e a chave, como também para que possamos apreender as razões do enorme sucesso desta classificação assim como sua posição específica.

### DSM-IV

Esta classificação constitui-se da articulação de dois eixos, um eixo de diagnóstico de doenças - onde aparecerão todas as entidades mórbidas tradicionais assim como inúmeras variantes - e um eixo de diagnósticos conexos, onde deve-se articular uma série de campos diversos e precisar o diagnóstico do paciente em cada um destes domínios (campos orgânico-biológico, perturbações da personalidade, inserção social, etc). Esta classificação parece constituir-se assim em uma bem-sucedida (em termos de aceitação) combinação do método do catálogo e do método da analogia. Ela é um catálogo de doenças num sentido vertical (eixo paradigmático), onde deve-se fazer uma escolha do diagnóstico principal que passará a identificar o doente. Mas ela é também uma articulação de identificadores em campos diversos que devem ser avaliados e associados ao diagnóstico principal num nível horizontal (eixo sintagmático).

Observa-se de imediato que, apesar de colocar-se como uma classificação que descreveria o doente da maneira mais completa possível, trata-se na verdade de uma tentativa de descrever a doença da forma mais totalizante possível. O eixo do catálogo constitui um vasto inventário das formas e variantes múltiplas das doenças mentais (seus sentidos). Substitui-se a nosologia da psiquiatria clássica - formada essencialmente por poucas grandes entidades, de limites mais ou menos precisos, dando margem à um espaço de circulação conceitual no vazio de seus significantes-mestres - por uma grade que pretende, ao menos em teoria, oferecer um nome para cada tipo de variante possível de maneira exaustiva e sem resto. Assim, a esquizofrenia, por exemplo, terá um inventário de todas as suas formas conhecidas de manifestação. Busca-se assim circunscrever a essência das doenças através de uma lista de seus nomes e significações. Através da constituição deste inventário, visa-se a essência da patologia, do adoecer esquizofrênico, no

ato do diagnóstico e não o sujeito, prescindindo-se do indivíduo doente. Esta evacuação do sujeito, um outro nome para sua forclusão, por si só, situa o ideal científico desta classificação.

### Do sujeito

Deve-se entretanto colocar em discussão as relações entre o sujeito do qual se fala acima, e o sujeito da ciência. Digamos, de maneira simplificadora, que o sujeito evacuado é o sujeito do desejo (se tal sujeito existisse no sentido imaginário do termo, o que não é o caso), o sujeito clivado fundado pela *spaltung* originária (e que é ele mesmo o sujeito da ciência que, desconhecendo a verdade como causa, não se sabe clivado). Com efeito, nesta classificação americana este sujeito é suturado a sua doença, ele é amarrado a uma essência/significação que vai identificá-lo dali por diante. Segue-se então a estrutura da operação de Descartes em suas *Meditações*. O sujeito cartesiano advém justamente da sutura entre saber e verdade (com a intervenção de um Deus avalista) que dá ao sujeito a certeza de que ele é o que pensa, ou seja, de que ele é, lá onde existe um significante para nomeá-lo. O sujeito cartesiano constitui-se na amarração da verdade e do saber, do ser e do significante.

Deve-se notar que estamos utilizando aqui o sujeito cartesiano em um sentido largo, e não no sentido preciso que lhe confere Lacan quando situa o sujeito da ciência como condição da psicanálise. Se nos referissemos a este sujeito seríamos obrigados a situar, como faz J.C. Milner<sup>2</sup> a diferença entre sujeito da ciência e sujeito cartesiano (como vimos acima o primeiro, e não o segundo, é o mesmo sujeito da psicanálise) que nos levaria longe demais. A simples constatação de que o ideal da ciência passa pela apagamento da verdade como causa e pela sutura da verdade ao saber permite-nos prosseguir com nossas reflexões.

A partir das indicações de Lacan quanto ao método da analogia, podemos perceber, no eixo horizontal desta classificação, a operação da ciência de maneira ainda mais clara pois a existência deste eixo põe em evidência a suposição implícita de uma medida comum para a articulação de campos tão disparates. Esta medida comum não é outra senão um “sujeito da doença”, idêntico a si mesmo e atrelado a seu ser. Trata-se de um sujeito que, ao menos em princípio, não é esvanescente e sim objetivável, rígido e que preside esta classificação, aproximando-se do ideal da ciência. Não há lugar para o desejo nesta amarração imaginária entre saber e verdade que desloca-se em campos diversos, social, biológico, etc. seguindo as vicissitudes da doença.

### A chave

Passemos agora ao método da chave. Lacan não recusará os métodos do catálogo e do análogo uma vez que eles são estruturais, encontrando-se no fundamento da ordem da significação. Ele vai então apoiar-se neles para indicar um mais-além do sentido, sua chave, que permite-nos restringir ao mínimo de sentido necessário “para que a compreensão não seja unicamente enganadora”. Este método é assim definido: “a chave é o que abre, e que, para abrir, faz funcionar todos os significantes aos quais esta subjetividade associa-se”. Lacan não diz mais nada, o que nos impede de eliminar o véu enigmático que recobre esta frase. Podemos supor entretanto que a chave à qual refere-se Lacan seja o objeto *a*, não somente devido ao momento de seu ensino, de delimitação deste objeto, no qual insere-se esta passagem, mas porque podemos conceber o objeto *a* como aquilo que faz funcionar os significantes posto que é a extração deste que causa o desejo e leva o sujeito, dividido pelo objeto, a percorrer indefinidamente a cadeia do significante na tentativa de completar sua falta-a-ser. O objeto é então aquilo que é visado pelo método da chave, chave esta que só pode ser meio-dita. Compreendemos então porque Lacan, ao invés de descrever este método com detalhes, fornece-nos apenas a fórmula acima.

### Da ficção

Mas há mais. Lacan afirma em seguida que a chave pode ser apreendida a partir dos momentos de iluminação que a ficção proporciona. Podemos compreender então porque Lacan empreenderá a seguir um comentário do “Elixir do diabo” de Hoffman. Trata-se, mais do que descrever ou ilustrar seu método, de colocá-lo em prática, pois esta é a única maneira de transmiti-lo. Não retomaremos aqui este conto, basta lembrar que segundo Lacan, fazemos a experiência, ao longo da leitura desta obra, de uma destituição. Nos meandros do texto perde-se de si e vislumbra-se o desejo. “O sujeito alcança seu desejo (...) através de sucessivas substituições entre seus duplos”. Algo de um resto se transmite nesta travessia, que no caso deste conto constitui-se em um percurso através dos duplos identificatórios do sujeito. Fica claro então que, ao invés de apoiar-se em uma concepção reificante do homem, constituindo uma descrição de sua “essência”, ou de se tentar fazer a lista dos nomes de uma experiência vivida, o método da chave parte de uma experiência particular naquilo que ela tem de incomunicável do qual só podemos falar de maneira enfiada, sem nomear. Este método permite-nos conceber a diferença entre a experiência enquanto vivência de um fenômeno e a experiência enquanto abertura ao real da estrutura, algo que tem uma existência real que é evacuada se insistimos em descrevê-lo em termos fenomenológicos. Uma vez que o real encontra-se nos limites da experiência, deve-se percorrer suas significações (e não suas vivências), o circuito dos seus significantes mestres (e não seu inventário) para fazer aparecer os contornos do objeto nas vias da impossibilidade de sua descrição. É o que, segundo Lacan, pode propiciar-nos o conto de Hoffmann.

#### Da ética

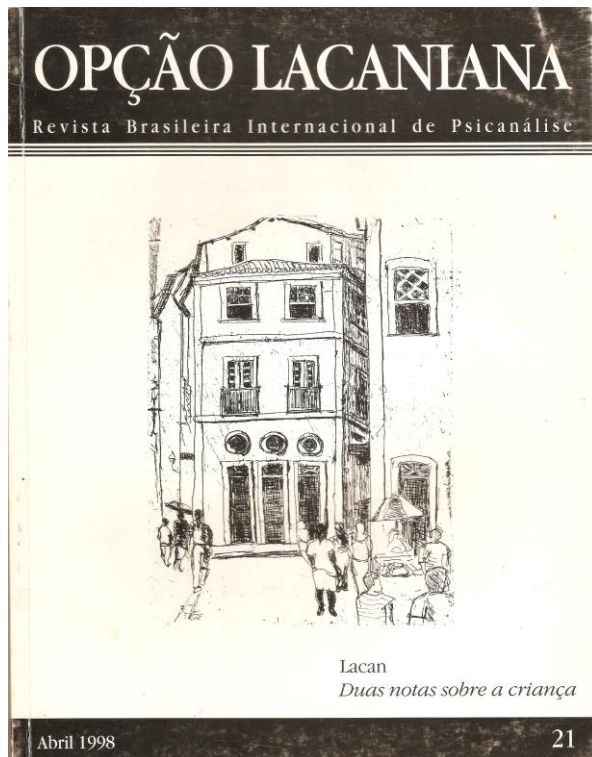
Para concluir, vale lembrar que se a ficção toca este real, sob o viés do objeto, a ética aborda este real pelo lado do sujeito. Ela introduz esta Coisa real que traça as vias do sujeito aparecendo sob a forma de mandamentos e que introduz as coordenadas deste lugar em relação ao qual o sujeito se constitui. A psicanálise revela que os caminhos do homem aparecem-lhe como prescritos ou proscritos, inseridos desde o início num horizonte ético, para além das determinações significantes. O inconsciente faz aparecer que “de nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”<sup>3</sup>.

Esta mudança de prisma foi aplicada por Lacan por exemplo (para continuar no campo semântico psiquiátrico) à depressão. Lacan mostra que a psicanálise proíbe o dualismo clássico platônico/cartesiano que permite uma desresponsabilização do sujeito, uma vez que neste registro, o sujeito, assimilado à consciência de si, é situado como vítima das ações e efeitos de seu corpo (no caso da psiquiatria) ou de seu inconsciente (no caso de uma leitura errônea da psicanálise). O sujeito da psicanálise é plenamente responsável pela sua tristeza e é justamente esta responsabilidade ética que lhe confere a possibilidade de percorrer e evacuar o circuito de seus significantes-mestres desfazendo os grilhões imaginários de sua tristeza. Torna-se possível, a partir daí, encontrar-se com o gozo de seu sintoma e abrir-se à contingência radical do real, o que, se não garante o fim permanente da tristeza e a instauração da beatitude, permite certamente uma autonomia original com relação ao grande Outro e seu desejo.

<sup>1</sup> Cf. LACAN, J. *O Seminário*, Livro X, “A angústia” (inédito). Trata-se da aula de 21 de novembro de 1962.

<sup>2</sup> Cf. MILNER, J. C. *L'œuvre claire*, Paris, Seuil, 1995, pp. 40 e seguintes.

<sup>3</sup> LACAN, J. “La science et la vérité”, *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 858.



## OPÇÃO LACANIANA

Brasil: Rua Albuquerque Lima 902/212 01230-000 São Paulo SP Fax: (5511) 826-9731

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional

Editada por Edgêdes Edda

Inclui o Boletim da Associação Mundial de Psicanálise

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise

Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause Freudienne

COMISSÃO DE DIREÇÃO: Antonio Benetti, Angelina Harari, Bernardino Hornik, Luiz Henrique Vidgal  
CONSULTOR EDITORIAL: Jacques-Alain Miller

REDAÇÃO: Angelina Harari

ASSISTENTE DA REDAÇÃO: Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles

COLABORAÇÃO: António Gonçalves, Maria Lúcia Pessôla, Patrícia Badari Corocine, Regina Puglia

EDITORAÇÃO ELETTRÔNICA: Produtores Associados (São Paulo)

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Aníbal Cristiano Gontijo Pena

CORRESPONDENTES: Miquel Bassols (Barcelona), Antonio Di Gaccia (Roma), Vicente Mira (Madrid),  
Paulo Siqueira (Paris), Sibila Terdzarz (Buenos Aires)

Os textos destinados à publicação deverão ser enviados (acompanhados de disquete) dentro das seguintes especificações:  
25 linhas por página e 60 toques por linha.

Os colegas que desejarem receber Opção Lacaniana por correio ou desejarem difundí-la, podem dirigir-se à Redação.

Capa: Sem título, aquarela  
Antônio Lobo

- 40 Carlos Augusto Nicéas, Uma opção sustentada  
44 Romildo do Rêgo Barros, Para que serve uma análise hoje?

### SOBRE O PASSE

- 48 Marie-Jean Sauret, Topologia da travessia  
53 Antonio Quinet, As três entradas  
63 Anibal Lessere, O "destino" do silêncio

### A CLÍNICA

- 66 Reinaldo Pamponet, *Fixierung* e escritura do sintoma  
72 Hélène Bonnaud, O não ao pai  
75 Dominique Touchon Fingermann, Um destaque

### CLÍNICA E POLÍTICA

- 79 A carta de B.  
82 Dominique Laurent, Uma clínica da defasagem

### PSICANÁLISE E CIÊNCIA

- 84 Marcus André Vieira, O catálogo e a chave: sujeito da ciência e sujeito do inconsciente  
88 Éric Laurent, A luta da psicanálise contra a depressão e o tédio

### A POLÍTICA DO ATO

- 92 Lêda Guimarães, A inconsistência do Outro  
96 Sonia Alberti, O quadrilátero no ato psicanalítico

### LEITURA & COMENTÁRIOS

- 100 *Carrossel nº 1*, Escola Brasileira de Psicanálise - Bahia  
(por Ana Lydia Santiago)  
102 *Latusa nº 1*, Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro  
(por Maria Lúcia Pessôla)  
103 *Semiótica dos afetos - Roteiro de leitura para* Um copo de cólera, de  
Raduan Nassar, Samira Chalhub (por Patrícia Badari Corocine)